

RITUAL DE CASAMENTO KPAL NO GRUPO ÉTNICO BALANTA DA LINHAGEM KWNTOI

Sunilza Lopes Rodrigues¹

Prof^ª Dr^ª Joanice Santos Conceição²

RESUMO

O trabalho que ora apresentamos diz respeito ao estudo dos processos ritualísticos de casamento do grupo étnico Balanta de linhagem *kwntoi*. O estudo objetivou analisar de que maneira ocorre o ritual de casamento *kpal*, entre a etnia *kwntoi* dentro das tradições, crenças e valores identitários. A hipótese é que o casamento em Balanta *kwntoi* aparece a partir de sistemas de suas crenças como um dos princípios que mantém a coesão cultural deste grupo étnico e se destaca como um elemento simbólico fundamental em muitas sociedades africanas. O trabalho justifica-se pelo interesse em conhecer o ritual de casamento *kpal* do grupo étnico guineense e assim adquirir conhecimentos que possam servir como meio de preservação dos ensinamentos e valores culturais dos meus antepassados. O método utilizado na pesquisa foi o qualitativo aliado à técnica bibliográfica. Os principais autores que darão suporte à fundamentação teórica são CAMMILLERI (2010), VAN GENNEP (2011), PRITCHARD (1976), LÉVI STRAUSS (1949), SEMEDO (2015), MALINOWSKI (1982), MAUSS (2003); PEIRANO (2003), dentre outros autores que trataram do casamento e de outros rituais e práticas importantes na vida das pessoas. Os resultados obtidos mostram que o casamento *kpal* é uma prática cultural importante para os *kwntoi* e desempenha papel vital em suas vidas. Na análise, percebemos que o ritual do casamento *kwntoi* assume significados adicionais que vão além do vínculo relacional/matrimonial. Nesse sentido, todo esse processo e os caminhos percorridos de análise ampliaram o conhecimento no sentido de compreender que o casamento *kpal* fortalece os laços culturais e identitários da linhagem *kwntoi*, medeia as relações comunitárias, além de servir como uma forma ritualístico em preservação das suas origens em reconhecimento aos ensinamentos culturais ancestrais.

Palavras Chaves: Balanta *Kwntoi*; Casamento *Kpal*; Guiné-Bissau.

¹ Graduada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, e graduanda em antropologia, (IH/UNILAB) e-mail: sunilzalopes@gmail.com

² Orientadora: Doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP., professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira do departamento de Instituto de Humanidades.(IH/UNILAB) e-mail: joanconceicao@unilab.edu.br

KPAL WEDDING RITUAL IN THE BALANTA ETHNIC GROUP OF THE KWNTOI LINEAGE

Abstract: The thematic focus of this paper is the study of ritualistic processes in the culture of the Balanta ethnic group of *kwntoi* lineage. The purpose of the study was to analyze how the *kpal* marriage ritual occurs and to offer lessons about the importance this ritual has in the lives of the *kwntoi*. The hypothesis is that marriage in Balanta *kwntoi* appears from their belief systems as one of the principles that maintain the cultural cohesion of this society/ethnic group and stands out as a fundamental symbolic element in many African societies. The work is justified by the interest in learning about the *kpal* wedding ritual of this Guinean ethnic group and thus acquiring knowledge

that can serve as a means of preserving the cultural teachings and values of my ancestors. The methodological procedure used is qualitative research of an ethnographic nature with the technique of bibliographic research. The main authors that will support the theoretical foundation are Cammilleri (2010); Van Gennep (2011); Pritchard (1976); Claude Lévi Strauss (1949); Semedo (2015); Malinowski (1982); Mauss (2003); Peirano (2003); Rodolpho (2004), among others, authors who have dealt with marriage and other important rituals and practices in people's lives considering cultural relativisms. The results obtained show that *kpal* marriage is an important cultural practice for the *kwntoi* and plays several vital roles in their lives. In the analysis, we realize that the ritual that unites the *kwntoi* woman and man takes on additional meanings that go beyond the relational/marital bond. In this sense, this whole process and the paths taken by the analysis have broadened our knowledge in the sense of understanding that *kpal* marriage strengthens the cultural and indenitary bonds of the *kwntoi* lineage, mediates community relations, and serves as a ritualistic form in preservation of their origins in recognition of ancestral cultural teachings.

Keywords: Balanta *Kwntoi*; *Kpal* Marriage; Guinea-Bissau.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendo trazer em análise o aspecto ritualístico de casamento tradicional do grupo étnico¹ Balanta da linhagem *kwntoi*. Com isso, o estudo objetivou analisar de que maneira ocorre o ritual de casamento *kpal*, entre o grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi* dentro das tradições, crenças e valores identitárias. Na etnia Balanta, existem duas grandes correntes chamadas *Kwntoi* e *Nhacra*. Dentro dos grupos étnicos Balanta, em geral, há outros ramos chamados de Balanta *patch* e *nagha*. O nosso foco será direcionado aos que pertencem à linhagem *kwntoi*, ainda que, em alguns momentos, tentamos fazer apanhados mais gerais agregando outras linhagens que pertencem a este grupo étnico.

O recorte está delimitado ao território conhecido no período colonial como Guiné Portuguesa, atualmente como a Guiné-Bissau. É um território localizado na costa ocidental africana, fazendo fronteira com a República de Senegal ao norte, a república da Guiné Conacri a leste e sul e ao oeste é banhada pelo Oceano Atlântico (AUGEL, 2007). O país tem uma extensão territorial que ocupa aproximadamente 36.125 Km², está constituída por uma parte continental e outra insular, no caso, o arquipélago dos Bijagós que possui cerca de 90 ilhas, das quais apenas dezessete são habitadas.

No total, este país africano detém oito regiões a saber: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali e o setor autónomo de Bissau, que também é o capital do país”. Estas Regiões dividem-se em 36 setores e estes, por sua vez, em várias secções, compostas por Tabancas (Vilas), marcadas pela distância da capital, Bissau, devido à ausência de transportes ou à precariedade destas (BENZINHO; ROSA, 2015, p.15). Com existência de mais de 29 grupos étnicos que compõem seu território destacam-se Brasas, Papel, Manjaco, Mancanha, Mandinga, Fula, Biafada, Bijagó, Felupe, dentre muitos outros que fazem parte dessa vasta e rica diversidade de culturas, modos de vida, histórias e cosmovisões (BENZINHO; ROSA, 2015).

¹ Usamos o conceito "grupo étnico" para descrever o Balanta como uma comunidade de pessoas que compartilham características culturais, linguísticas, religiosas, históricas semelhantes. Essas características incluem tanto a consideração da origem geográfica quanto as tradições culturais e de identidade compartilhadas. Escolhemos nomear Balantas de linhagem *Kwntoi* como "grupo étnico" especificamente, em reafirmação do reconhecimento da existência de múltiplas identidades e a importância de respeitar e valorizar as diferenças culturais entre os indivíduos. Pretendemos desenvolver o conceito com mais consistência com base nos estudos de Frederick Barth (1998), um autor que aprofundou o debate sobre este conceito. Aliás, Bart (1998) define um grupo étnico como uma forma de organização social que expressa uma identidade diferente nas relações com outros grupos e com a sociedade em geral. A identidade étnica no autor é usada como uma forma de estabelecer os limites do grupo e fortalecer a solidariedade do grupo. Pretendemos seguir, posteriormente, a partir dessa concepção.

Entretanto, no contexto atual, o grupo étnico Balanta, é considerado o maior grupo étnico na Guiné-Bissau, ocupando por volta de 24% de total populacional que o país apresenta e podem ser encontradas por toda a parte, principalmente, nas zonas de regiões do país (DJALÓ, 2013). Assim, ao longo deste artigo, colocaremos o nosso foco nas matérias voltadas ao aspecto da identidade cultural deste grupo étnico, com recorte na linhagem *kwntoi*, essencialmente, no que concerne aos aspectos ritualísticos do casamento.

O processo da união entre uma mulher e um homem, neste grupo étnico e em específico da linhagem *kwntoi*, tem suas particularidades. Por isso, ao longo desse estudo pretendemos apreciá-las. Em síntese, vamos discorrer sobre aspectos da sua identidade cultural de maneira mais ampla, porém, no processo pretendemos inteirar sobre as regras que balizam o processo ritualístico do casamento, sendo que esta é uma das cerimônias mais importantes para o grupo cultural Balanta, e essencialmente, para a linhagem *kwntoi*.

Nosso interesse acadêmico centra em compreender os processos e os caminhos que envolvem os rituais de casamento, e com isso, tencionamos contribuir para ampliar o conhecimento, bem como, reconhecimento desta cerimônia como um dos valores culturais legados pelo povo guineense à extensão, justificando dessa maneira, a escolha deste grupo étnico que elegemos para o nosso estudo.

Regularmente se notou, que as circunstâncias próprias que demandam a realização dos rituais de casamento do grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*, são desconhecidos por muitas pessoas pertencentes ou não a este grupo étnico, assim, por muitas vezes, acabam-no atribuindo igual sentido ou significado aos rituais conhecidos como lavagem ou *gbassa*. Dessa maneira, o artigo contribui com uma visão mais acurada dos preceitos ritualísticos culturais de casamento deste grupo étnico, auxiliando também na desconstrução dos preconceitos e visões distorcidas que muitas pessoas parecem ter sobre o assunto.

Além deste artigo contribuir no acesso a mais um trabalho científico que ajude a compreender alguns aspetos de valores culturais do grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*, poderá servir de suporte bibliográfico para os futuros trabalhos científicos, sejam eles seminários, projetos de pesquisas e debates acadêmicos a respeito dessa temática. De maneira igual, acreditamos ser o casamento um dos rituais de suma importância, na medida em que também simboliza a passagem para a vida adulta.

Sendo assim, conduzida pela relevância da temática no entendimento parte e valorização dos rituais que realçam a cultura desse grupo étnico pertencente aos territórios da Guiné-Bissau, a nossa pergunta de partida torna no seguinte: quais os aspectos culturais e ritualísticos de

casamento tradicional do grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*? A partir disso realizamos reflexões importantes conduzidos por perguntas secundárias seguintes: como decorrem os processos ritualísticos na cerimônia do casamento do grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*? Onde ocorre essa cerimônia ritualística? Quais os valores simbólicos do cumprimento deste ritual?

A hipótese é a de que, supostamente, o casamento no Balanta, essencialmente, na linhagem *kwntoi*, é encarado como um dos princípios que mantém a coesão cultural deste grupo étnico, afirmando-se como elemento fundamental, por extensão, nas sociedades africanas. Assim, neste grupo étnico em específico, o casamento é compreendido – na visão daqueles que detêm o poder de decisão para a realização dos rituais (anciões e anciãs, tias/os e os pais) – como uma cerimônia atrelada à consciência coletiva, sociocultural e historicamente instituída. Implica assim, o cumprimento das regras fundamentadas nas práticas e valores ancestrais desse grupo. Considerando isto, o casamento constitui o modo pelo qual a sociedade Balanta *kwntoi*, reconhece a formação conjugal e a dignidade de uma família.

Para a realização desse trabalho, o estudo está constituído metodologicamente pela pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, considerando que o principal foco é o estudo dos processos ritualísticos na cultura do grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*. Na impossibilidade de adotarmos os métodos de coleta através da observação participante fizemos um trabalho resumido à exploração das bibliografias que nos auxiliam a sustentar nossas argumentações.

A aplicação do procedimento da recolha dos dados bibliográficos para a discussão e fundamentação teórica permitiu-nos dialogar com autores como Bronislaw Malinowski (1922) que nos ensina muito com relação a aplicação de um trabalho etnográfico com valor científico irrefutável respeitando as interpretações dos sujeitos da pesquisa e do próprio pesquisador/a baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica; Christian Roche (1985), que estuda sobre as ramificações de Balanta *Berassé* ou *Brassa*, os *Benagas* e os *Betxá* na Guiné-Bissau; Pélissier (1973) que estuda sobre origem da etnia Balanta; Pe Salvatore Cammileri (2010) que fala sobre a identidade cultural do povo Balanta; Tchernó Djaló (2013) com sua obra intitulado “O Mestiço e o Poder: Identidades, Dominações e Resistência na Guiné- Bissau” realizando interpretações identitárias culturais na Guiné-Bissau; Clifford Geertz (2008) com a sua obra intitulada "A interpretação das culturas"; Ardjana Ghislaine (2016) sobre a tradição de casamento arranjado nos grupos étnicos Balantas e mandingas na Guiné-Bissau, dentre outros estudiosos do assunto.

Para a organização estética do nosso trabalho, esta composta em 6 partes: 3 seções, a introdução, consideração finais e as referências onde na primeira seção abordamos sobre os aspectos históricos da Guiné-Bissau, as suas etnias e focalizamos na especificidade do grupo étnico Balanta *kwntoi*. Na segunda seção discorreremos sobre aspectos de rituais de passagem e sua função na vida em sociedade, focado na discussão sobre aspectos gerais dos rituais de passagem. Após esta análise avançamos para a terceira seção em que descrevemos o ritual do casamento neste grupo étnico abordando sobre diferentes fases que envolvem o casamento para logo nas considerações finais recuperar alguns pontos de mais relevância debatidos no artigo.

2 GUINÉ-BISSAU E SUAS ETNIAS: BREVE HISTÓRICO

A República da Guiné-Bissau como já apontamos acima, fica situada na costa africana, com uma superfície total de 36.125km² contando com uma população estimada em 1.548.159 habitantes, sendo que a grande maioria da população reside em zonas rurais. Possui como moeda única o FCFA. Já em termos linguísticos, o Português é a língua oficial, apesar da língua crioula ser a língua nacional, bem como a mais falada por seus habitantes. No que tange aos grupos étnicos, estes formam um mosaico da Guiné-Bissau que se comunica por meio das suas línguas locais.

A Guiné-Bissau foi a primeira das colônias portuguesas na África a conquistar a sua independência em setembro de 1973, reconhecida pelo país colonizador em 1974. O processo da luta foi precedido por uma guerra de libertação de cerca de uma década iniciada nos princípios de 1963 e contou com a participação de vários movimentos étnicos que mobilizaram em prol da libertação nacional contra o sistema colonial opressor. Os eixos cultura e unidade articulam-se fortemente com a questão do nacionalismo no projeto que Amílcar Cabral desenhou para a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde.

É através da cultura que o movimento de libertação vai procurar o seu fundamento para a modelação da identidade nacional, e a partir das ideias de Cabral acompanhada de uma forte solidariedade social acionada por pertença a mesma terra, atribuiu uma nova dimensão à cultura no processo de luta de libertação nacional de modo a revolucionar as relações sociais pautando-se na insubmissão aos preceitos coloniais (CANDÉ MONTEIRO, 2013) através da mobilização dos grupos étnicos, em que, Balanta teve uma participação de importância indiscutível.

Segundo Candé Monteiro (2013), do ponto de vista cultural, que é muito importante ressaltar, a tentativa dos colonialistas em aniquilar a identidade étnica do africano, levou-lhes a criar e programar a política de “civilização” e de conversão ao catolicismo. A religião católica

passou a ser uma forma de “salvar” os africanos e inseri-los numa nova sociedade. Na Guiné-Bissau, por exemplo, este projeto se concretizou com a distinção entre civilizados e incivilizados em jeito de apagamento da essência dos africanos a compreensão simbólica da sua cultura.

Com este projeto, a maioria, senão, todos os grupos étnicos locais, foram pressionados a abandonar seus valores culturais com vista a assumir os do colonizador portugueses, fato que encontrou, essencialmente, no grupo étnico Balanta, uma resistência contínua em prol da preservação da sua cultura. Entretanto, por mais violento que seja o sistema colonial (e este o foi), onde quer que fossem levados e tanto quanto foi árduo, os grupos étnicos guineenses, destacando aqui o grupo étnico Balanta; todos eles lutaram pelos seus valores tradicionais e suas marcas étnicas; buscaram a todo o custo preservar a memória ancestral, signos estes que representam e apresentam seu orgulho de pertencimento étnico-identitário.

O papel do grupo étnico Balanta na luta de libertação nacional do país foi historicamente notável. Independentemente de serem um dos primeiros grupos étnicos a juntar ao movimento independentista, PAIGC, para resistir contra a imposição colonial, o grupo étnico Balanta que, nos momentos iniciais da invasão colonial tinha suportado a indiferença, com a presença portuguesa decidiu se defender entrando em guerra como forma de reivindicar o orgulho do seu povo que sempre foi e se sentiu livre e independente, afirma (CAMMILLERI, 2010).

Balantas aderiram a luta de libertação com o espírito para vencer a luta contra os colonos portugueses que invadiram seu país. Para Iongna (2019), isso não significa, no entanto, que o Balanta foi o único grupo étnico que aderiu a luta pela libertação binacional, igualmente, outras etnias guineenses. A fácil adesão do grupo étnico Balanta na luta de libertação se deve essencialmente ao modo como sua sociedade se encontrava organizada, completamente desprovida de estratificação, onde só o conselho dos anciãos e anciãs, que podiam tomar a decisão sociopolítica em prol daquela sociedade (CABRAL, 1951 apud CARDOSO, 1990).

Dessa maneira, a configuração sociopolítica do grupo étnico Balanta (Brasa) evidencia que o Balanta no geral, apresenta um sistema familiar alargado em que todos os laços familiares são providos de uma gigantesca importância. Um exemplo disso, se constata nas pequenas aldeias onde estão localizadas essa etnia, em que podemos ver em todos os membros, mesmo que menor, um grau de parentesco, no qual se constata uma grande valorização do vínculo familiar.

A configuração sociopolítica mostra que Balanta é um grupo étnico que dispõe de uma organização segmentada, isto é, grupos domésticos ou famílias, num segundo nível em

linhagens que unem essas famílias e finalmente, o terceiro nível, organizado em clãs. Por outro lado, diferentemente, de vários outros grupos que compõem a configuração estrutural dos grupos étnicos da Guiné-Bissau, o grupo étnico Balanta é considerado uma sociedade horizontalizada, em outras palavras, é uma sociedade em que não existem hierarquias sociais pré-definidas e fixas, pois, todas as decisões da comunidade, sejam elas de caráter político, econômico ou social são tomadas por meio de discussões que englobam toda a comunidade, sem exclusões sob critério de classe social, gênero, idade, já que ali não existe um sentido de Estado.

Amílcar Cabral (1984) nos explica sobre a hierarquia no grupo étnico Balanta, ao mencionar que não existe a questão do poder, no qual um líder (régulo) para governar ou criar regulamentos nos limites territoriais, pois, não existe uma separação entre chefes, nobres ou os simples membros da comunidade. Segundo explica Camilleri (2010), sem hierarquia nem chefes, no grupo étnico Balanta, de modo geral, todos os membros têm o direito de decidir e de mandar executar as decisões tomadas durante as reuniões que realizam referente aos problemas que aparecem nas suas comunidades. Esses problemas, sejam elas conflitos com outros povos vizinhos, declaração de guerras e tratados de paz, as alianças com outros grupos, são discutidos em coletividade para que seja definida conjuntamente as saídas possíveis.

Isso faz com que a sociedade Balanta seja formada por homens livres, que não admitem submeter a nenhum tipo de opressão, muito menos dos colonizadores que queriam se apropriar não só das suas terras, mas também controlar, dominar e explorar. Igualmente, não aceita submissão ou ordens de entidades externas ao Balanta.

A partir do exposto podemos assinalar que, ao contrário do discurso colonial de submissão dos povos, houve revolta e resistência contra qualquer tipo de imposição colonial. As atitudes dos povos africanos revelaram-se como levantes populares em prol da garantia da liberdade e da dignidade dos povos invadidos, em especial, os povos que compõem a Guiné-Bissau.

Entretanto, relacionado a afirmação acima exposta, no que diz respeito à perspectiva de igualdade de gênero, as mulheres desempenham papel importante nesse grupo étnico. Na sociedade Balanta as mulheres possuem suas organizações exclusivas a elas. No caso das mais adultas, denominadas de *fiere apte*, que significa introdução no mundo das parteiras, estas detêm o poder de assistir e dirigir os trabalhos de parto e no tratamento das mulheres parturientes. Já no campo político, são elas as detentoras de controle da autoridade dos conselhos de anciãos.

Sob circunstâncias especiais, as mulheres, são as únicas a formar uma comunidade que se exprime em atividades divinatórios, curativos, sacrifícios, rituais de imersão, resgate das almas e outras semelhantes. Isto pode ser caracterizado como uma manifestação feminina ocasional ou mais literal, mais ou menos independente da estrutura simbólica masculina dominante (CALLEWAERT, 1995, p.35).

Dessa assertiva, pode-se supor até certo ponto, que a sociedade Balanta com relação a separação de poderes, é um grupo étnico organizado numa base democrática, visto que, como existem os grupos de anciãos, de igual modo, existem as de anciãs e ambos trabalham e tomam decisões de maneira mais colaborativa possível, em prol do bem-estar das suas comunidades.

Dentre muitas questões importantes, temos uma que se trata da origem do grupo étnico Balanta e o significado desse nome “Balanta”. O nome em si “Balanta” é controverso, assim como sua origem. Para Christian Roche (1985), inspirado na obra de Teixeira da Mota (1954) e de Péliissier (1973), Balanta Berassé ou Brassa, os Benaga e os Betxá fazem parte das ramificações que viviam na Guiné-Bissau, igualmente, a linhagem *kwntoi*. Balanta de Xá ou de *Canja* pertencem ao grupo de Cassamança. Brassa (em que estão incluídos linhagem *kwntoi* e *buunge*) se reconhecem como rizicultores hábeis enquanto Balanta de Cassamança praticam uma rizicultura reduzida, reservada às mulheres (CRISTIAN, 1985 Apud DJALÓ, 2013).

O grupo étnico Balanta é reconhecido, sem dúvida alguma, como o maior grupo étnico da Guiné-Bissau. Como membro pertencente a este grupo étnico Balanta, posso afirmar que existem ramificações de dois grupos principais, a saber: *Kwntoi* e *Naga*. Falando a partir de experiência e conhecimento próprio, diferente de Balanta *kwntoi* que não possui ramificações, no Balanta *Naga*, existem ramificações. Assim, na subdivisão dos Balanta *Naga* podemos encontrar três linhagens, a saber: Balanta *Patch*, Balanta *Mané* e Balanta *Damé*. O quadro abaixo reflete a divisão de que estamos falando como forma de esclarecer esta ramificação.



Figura 1. Sunilza Rodrigues

Como se pode perceber, a origem deste grupo étnico desperta divergências e contém várias versões e mitos contados. Para Djalo (2013), de acordo com a sua própria tradição oral, assim como o do povo mandinga, o Balanta é “Soninkés” provenientes do Madem no século XIII com o lendário Sundiata Keita, a quanto do seu retiro em Cabu (Djaló, 2013). Esta explicação tem sinalizado que uma parte considerável dos membros pertencentes a este povo é guerreira que estão exaustos com as guerras sangrentas conduzidas pelos chefes de guerra, optaram por se estabelecer em Cabu. No entanto, sua ramificação provém dos detentores do apelido Mané, que se traduz Balanto.

Segundo as narrativas históricas esta linhagem sofreu a influência do povo mandinga ou os que foram “mandinguizados”; no caso, o povo mansoanca que habita a região de Mansoa, Balanta brabo ou de dentro, Balanta manso ou de fora (DJALÓ, 2013). Por não possuir convívio com a linhagem *Naga*, optei por utilizar os autores que discorrem sobre tal linhagem.

Com relação ao campo de produção de gêneros alimentícios, é perceptível que Balanta tem o arroz como principal produto da sua dieta alimentar. Por isso mesmo, a atividade da agricultura é fundamental nessa etnia, em todas as linhagens que a compõem. Aliás, pela experiência própria posso argumentar que esse grupo em especial a linhagem *kwntoi*, tem uma relação com a terra que ultrapassa um simples espaço do cultivo, pois, simbolicamente, a terra é vida e é sagrada no sentido de que, oferece tanto as condições para a subsistência dos seres vivos, quanto para o descanso dos mortos.

Tomado como sagrado, a terra tem importância enorme na cosmovisão Balanta, em particular, a linhagem *kwntoi*, uma vez que o campo de cultivo, chamado *thambe* na língua Balanta, é reconhecido inalienável, bem como compartilhado com as pessoas pertencentes a comunidade, sem a restrição de pessoas ou as famílias que devem ou não ter direito de usufruir dela, como ocorre com muitas outras linhagens. Já na linhagem *kwntoi*, as regras comunitárias ligadas à atividade agrícola, possibilitam com que a terra seja compartilhada. Os produtores camponeses valorizam e têm respeito pela terra, por isso mesmo, no grupo étnico Balanta de linhagem *kwntoi* a terra não se vende ou se sede mesmo que um período curto de tempo por trocas monetários, mas se empresta num sentido comunitário de compartilhar os bens e espaços sagrados que é o direito de todos que pertencem a comunidade.

Reconhecidos por dominar a técnica da agricultura essencialmente, da produção de arroz, o Balanta contribui muito para a elevação da economia nacional Bissau-guineense, pois, o país tem como seu principal produto de alimentação o arroz, sendo grupo étnico Balanta

aquelas que mais o cultivam o arroz exportado para outros cantos do mundo. Além disso o país detém uma quantidade significativa da sua produção interna.

A agricultura, silvicultura, assim como pastorícia enquanto atividades que constituem a maior fonte de PIB (Produto interno Bruto) quer para o consumo interno quer para a exportação do país, tem a contribuição nítida para o desenvolvimento da Guiné-Bissau, portanto, o grupo étnico Balanta intervêm de maneira preponderante na economia do país.

3 OS RITUAIS DE PASSAGEM E SUA FUNÇÃO NA VIDA EM SOCIEDADE

Toda sociedade tem regras de convivência. Seus valores culturais estão ali refletidos, apresentados por meio de rituais que adquirirem significados atribuídos conforme a visão de mundo dessa mesma sociedade. No nosso caso, falar de ritos de passagem e sua função na sociedade *kwntoi*, significa, essencialmente, compreender as diferentes locuções e significados atribuídos aos processos rituais culturais que ocorrem entre o grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*. Uma vez que na relação das pessoas pertencentes a este grupo étnico com o mundo que as rodeia, apresentam-se determinadas formas de ler e lidar com o nascimento e a morte respeitando as fases e os processos rituais que cada fase exige.

Nas Contribuições de Turner (1967) destacamos a demonstração em suas narrativas da importância do rito de passagem para o estudo da cultura e da sociedade. No seu livro intitulado “Liminaridade e Communitas: forma e atributos dos ritos de passagem”, ele trata do que Arnold van Gennep (1960) chamou de "fase liminar" dos ritos de passagem. Apontou que

Os atributos de liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam a rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá: estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais (Turner ,1967. p.59).

Lembre-se de que GENNEP (19660) definiu os ritos de passagem como "os ritos que acompanham cada mudança de lugar, estado, posição social, idade". Van Gennep mostrou que todos os ritos de passagem são caracterizados por três fases: separação, limite (limiar) e agregação. Entendemos que com base na narrativa acima, a fase liminar é muito importante, simbolizando o período em que um indivíduo passa por transformação e transição para um novo status social.

Turner (1967) enfatiza que esse processo é importante para o comportamento de uma determinada comunidade, pois fortalece a identidade cultural e o sentimento de pertencimento dos indivíduos dentro de um determinado grupo social. Nessa linha de pensamento, Roberto da Matta (2000) contribui ao trazer o conceito e a percepção de ritual no Brasil a partir de uma descrição antropológica da realidade brasileira. Em sua análise dos aspectos sócio-culturais, ele deu uma explicação das etapas claramente distintas na realização do ritual.

Segundo Da Matta (2000), tratando-se de um rito de liminaridade – a ideia de liminaridade está associada ao livro de Arnold Van Gennep, *Les Rites de Passage*, publicado em 1909 – trata-se de uma fase em que uma pessoa de uma comunidade passa por um período “liminar” e se encontra entre dois estados sociais culturalmente estabelecidos. Nessa fase, geralmente são submetidos a diversas práticas, aprendizados ou experiências que os preparam para assumir um novo papel na sociedade.

Nas contribuições de Peirano (2003) sobre o conceito de ritual, a autora nos ensina que um ritual não pode ser explicado ou conceituado de forma precipitada, pois o processo envolve, antes de tudo, um processo etnográfico, no qual devemos levar em conta o que foi captado em campo com o grupo observado como forma de dar oportunidade e voz às populações locais para que elas nos esclareçam, a partir de suas visões de mundo, os significados que imputam às suas ações rituais.

Tendo em conta o ensinamento supramencionado, ao avaliar os rituais no grupo étnico Balanta, especialmente na linhagem *kwntoi*, compreendemos que estes são vistos como manifestações do sagrado, são corporificados por meio das regras do sistema cultural, respeitando os métodos de socialização existentes. O rito de passagem é um ritual ou prática cultural que marca a transição de uma fase da vida para outra. Esses rituais são realizados em muitos lugares e em diferentes culturas de todo o mundo, incluindo, no grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*, tendo como objetivo celebrar e dar significado às mudanças no *status* ou no papel dos indivíduos nessas sociedades/comunidades. O ritual é manifesto ou expresso por meio de sequências sistemáticas de ações e palavras dotadas de um sentido específico ou significado culturalmente atribuído, a partir de uma explicação baseada na dimensão do sagrado.

Os rituais realizados pelo grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*, podem ser vistos como um ensinamento transmitido de geração em geração, nutrido por um sentimento de crença nos ensinamentos legados pelos ancestrais. Ao entrar no domínio do conhecimento científico, podemos explicar rituais através da antropologia cultural que basicamente, busca entender as funções que os rituais desenvolvem e até que ponto são realizados em uma dada sociedade.

Gennep (1977) já apontava que o ato de nascimento de um membro de uma comunidade, a prática da caça ou mesmo o ato de nomeação são todos atos que se relacionam ao campo das interpretações do sagrado na maioria de seus aspectos, pelo que se vê é algumas comunidades, reforçando a ideia de maior predominância do mundo sagrado sobre o profano. O sagrado e profano, desempenham papéis importantes e distintos na cultura africana, especialmente, nos grupos étnicos Balanta da linhagem *kwntoi*.

Os Balanta da linhagem *kwntoi*, ao longo da vida e após a morte valorizam rituais que simbolizam a santidade. Um dos exemplos disso, são os rituais de *Aúle ne quintada ou Aúle ne Kpan* feitas para pedir proteção ao Irã/Divindade da tabanca ou da morança, que revela que a dimensão divina ou dimensão espiritual ou poderes sobrenaturais, é importante.

Com efeito, no grupo étnico Balanta *kwntoi*, a compreensão do sagrado e do profano é profundamente enraizado nas tradições culturais locais e estas podem ser explicadas por meio da visão mágico-religiosa, oriundas dos ensinamentos costumeiros dos ancestrais. Tais fatos, sinalizam uma força de influência exercida pelo campo espiritual que ali está sempre presente, regulando leis que, quando cumpridas, trazem prosperidade, mas quando violadas, acarretam consequências de sanções materiais e/ou sobrenaturais, a depender da gravidade da ação.

Com relação a consequências e sanções sobrenaturais, associada a rituais e feitiços, pode ser apreciada de maneiras diferentes variando conforme as crenças individuais e as tradições culturais específicas. Na obra de E.E. Evans-Pritchard (1976), sobre “A noção de bruxaria como explicação de infortúnios”. Nela o autor aborda sobre os povos Azande e como a partir das suas percepções entendem a bruxaria. Segundo ele:

O conceito de bruxaria fornece a eles uma filosofia natural por meio da qual explicam para si mesmos as relações entre os homens e o infortúnio, e um meio rápido e estereotipado de reação aos eventos funestos. As crenças sobre bruxaria compreendem, além disso, um sistema de valores que regula a conduta humana. A bruxaria é onipresente. Ela desempenha um papel em todas as atividades da vida zande: na agricultura, pesca e caça; na vida cotidiana dos grupos domésticos tanto quanto na vida comunal do distrito e da corte. É um tópico importante da vida mental, desenhando o horizonte de um vasto panorama de oráculos e magia; sua influência está claramente estampada na lei e na moral, na etiqueta e na religião; ela sobressai na tecnologia e na linguagem. (PRITCHARD, 1976, p.50).

Assim, o conceito de feitiçaria tem uma grande importância na cosmovisão dessas pessoas e nas suas comunidades no sentido de atribuir significado a vários eventos e experiências de vida. Este tipo de interpretação, intimamente associado ao mundo sobrenatural, é suportada por uma explicação de situações que são vistas em algumas civilizações, fechadas a outras experiências e cosmovisões, parecendo não ter explicação racional.

Entre os membros do grupo étnico Balanta, especialmente da linhagem *kwntoi*, existe uma possível semelhança com os Azande em como o sobrenatural está muito presente em todas as esferas socioculturais porque tem-se o entendimento de que a vida de qualquer ser vivo é regida por forças ocultas, daí a necessidade de se pedir a proteção contra todos os males que possam lhes afetar em algum momento de vida. Um exemplo dos *kwntoi* é que, acredita-se que uma colheita ruim ou a impossibilidade de uma mulher ter filhos pode estar relacionada principalmente à bruxaria.

Neste sentido, apreciamos o exemplo do grupo étnico Balanta e apresentamos um processo de ritual cerimonial interpretado em termos das funções que desempenham e até que ponto são exercidas. A semelhança do que foi descrito com relação a povo Azande e o grupo étnico Balanta. Ambos possuem a noção de mundo ordenado, segundo o que chamamos leis sobrenaturais, pois, esse povo acredita que podem ocorrer certas coisas misteriosas que não podem ser explicadas por meio das leis naturais e sim a partir do sobrenatural.

Assim, na linhagem *kwntoi*, as pessoas acreditam que a bruxaria pode estar associada a sanções sobrenaturais, como maldições, má sorte ou repercussões negativas. No entanto, elas também veem a bruxaria como uma prática benigna, baseada na conexão com a natureza e na utilização de energia positiva para realizar mudanças positivas na vida das pessoas, por meio de um ritual adequado. Nisso, o ritual torna-se um meio pelo qual se articulam saberes e valores ligados a comportamentos humanos transmitidos, respeitando as fases da vida e as etapas rituais para que se possam conhecer coisas que devem ou não ser feitas. Pois, é importante também realçar que os rituais e as fases de vida podem variar significativamente de cultura para cultura.

Segundo as observações feitas por Van Gennep (1977), a vida individual, independentemente do tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Em um lugar onde a idade e a profissão se diferem a passagem ritualística é concretizada por ações especiais, pois entre eles não há absolutamente nenhum ato isento do sagrado. O tempo de vida de cada membro do grupo étnico Balanta *kwntoi* está ligado às etapas de rituais realizados. Ou seja, no grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*, as fases da vida dos membros pertencentes estão associadas à natureza dos rituais materiais pelos quais a pessoa passou, a saber: Nascimento; Puberdade; Casamento; Funerais, etc.

Entre o grupo étnico Balanta, as fases de criança, adolescente, adulta e velho, independentemente de ser homem, mulher, obedecem às regras de cerimônias rituais relativos às fases em que uma pessoa deve aprender, por exemplo, as meninas precisam aprender as atividades domésticas e agrícolas, para posteriormente ser considerada adulta. Gennep (1977),

aponta que nos rituais de nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização profissional, na qual o autor afirma que situações que os indivíduos passam, podem ser compreendidas através separação ou passagem em que se realizam as cerimônias de batizado, casamento ou fúnebres.

Por diversas vezes, a participação em ritos de passagem ou de iniciação é regulada por ordem de sexo, ou faixa etária – existe uma separação entre as *mandjuandadis*, pois, é uma realidade na qual se encontram diferentes etnias que compõem as etnias guineenses, as quais, obedecem aos critérios de por faixas etárias, idades e sexo Leister (2012). Assim como em outras sociedades, a forma para expressar o sentido e valor de suas culturas os rituais específicos podem ter diferentes faixas etárias e gêneros associados a eles.

Por mais que o Ocidente queira atribuir aos povos não ocidentais a irracionalidade, o ritual está presente em tudo que o ser humano faz e isso não diferente entre os Balanta, à medida que a dimensão da magia e ciência, sejam elas antigas ou contemporâneas seguem regras que indicam a presença de racionalidade. Os rituais estão presentes tanto na vida dos povos ocidentais quanto de outros grupos étnicos do mundo, na forma de práticas simbólicas que desempenham um papel importante nas culturas humanas, independentemente de posição geográfica.

4 O RITUAL DO CASAMENTO NA ETNIA BALANTA KWNTOI

O casamento é uma instituição social amplamente encontrada nas sociedades de todo o mundo e desempenha um papel importante na construção das relações humanas. No seu dicionário de sociologia intitulado “Guia prático da linguagem sociológica” JOHNSON (1997, p.31) conceitua o casamento “como uma união socialmente sancionada, envolvendo dois ou mais indivíduos no que é considerado um arranjo estável, duradouro, baseado, pelo menos em parte, em laço sexual de algum tipo”. No entanto, essa definição é abrangente e há muitos elementos e características comuns aos casamentos realizadas em diferentes partes do mundo, e especialmente, em África.

Em um sentido mais específico, Lévi-Strauss oferece importantes percepções para uma perspectiva antropológica sobre a conceituação do casamento em sua obra "As Formas Básicas de Parentesco". Segundo Claude Lévi-Strauss (1949) o casamento é uma instituição fundamental da organização social de qualquer comunidade ou grupo e a realização de cerimônias matrimoniais desempenha um papel fundamental na formação de alianças e no ato de criação de relações de parentesco entre grupos sociais diferentes. Na perspectiva do autor, o

casamento não é apenas um vínculo entre duas pessoas, mas também um mecanismo que estabelece ligação e equilíbrio entre famílias, clãs e tribos. Lévi-Strauss (1949) também enfatizou a importância das regras do casamento, como a proibição do casamento entre parentes próximos (incesto), como forma de promover a diversidade genética e fortalecer os laços sociais.

Porém, com relação a este último aspecto, a união de duas famílias, dependendo das diferenças culturais de diferentes nações, pode ser baseada em diversos fatores, como laços de parentesco, alianças políticas, interesses econômicos, amor romântico, entre outros. Antropologicamente falando, o significado do casamento varia de acordo com diferentes culturas ao redor do mundo. Assim, percebe-se que as celebrações tradicionais de casamento são emblemas muito importantes porque, além dos momentos festivos, incluem também rituais populares e sagrados para oficializar o matrimônio.

Bronislaw Malinowski (1982), antropólogo polonês que estudou os povos indígenas das ilhas Trobriand, explica que o casamento nas ilhas Trobriand é patriarcal, ou seja, a mulher se muda para a comunidade da aldeia do marido e vai morar na casa dele, sendo o pai o parceiro dos filhos durante o resto da vida. Na interpretação do autor com relação aos valores culturais desse povo em particular, o casamento significa criar alianças entre grupos e famílias, fortalecendo os laços sociais e econômicos entre eles. Por isso, é correto afirmar que o casamento é uma instituição universal que desempenha um papel importante na vida social de diferentes culturas e nações ao longo do tempo.

No trabalho desenvolvido por alguns autores nacionais que retrataram o casamento no grupo étnico Balanta, como Semedo (2015), o casamento é visto como um contrato social que se faz entre duas famílias, neste caso os noivos. Porém, a autora enfatiza que, como na maioria das sociedades étnicas da Guiné-Bissau, a cerimônia de casamento realiza-se com base num contrato, porém, que transcende as dimensões individuais e envolve famílias que se sentem ligadas pelo processo ritual que une as duas pessoas.

Nanque (2022), explica outros significados do casamento no grupo étnico Balanta. Segundo ele, o casamento *kpal* é também uma forma de se firmar na sociedade, no sentido de alcançar uma posição que garanta respeito ao casal. Confirmamos essa dissertava na medida em que, após o casamento, um membro do grupo étnico, seja mulher ou homem, tem o privilégio de participar das reuniões de tomada de decisão. Deste ponto de vista, o casamento é uma forma de ganhar uma posição importante dentro do grupo étnico Balanta, especialmente, na linhagem *kwntoi*. Os casados são reconhecidos como adultos responsáveis e respeitados.

Eles têm voz nas decisões da comunidade e participam de discussões sobre questões importantes que afetam a vida da comunidade como um todo.

Apreciando algumas impressões sobre o que se entende por casamento, neste trabalho entendemos o casamento como um acontecimento que vai além do casal e envolve toda a comunidade, visto que falo a partir da minha cosmovisão, como membro Balanta de *kwntoi*. As cerimônias de casamento do meu grupo étnico estão ligadas aos ensinamentos dos antepassados, ao senso comunitário de manutenção da estrutura social e familiar, e por isso são realizadas com respeito aos costumes que permeiam a realização de cerimônias, a entrega de presentes, as atividades de danças tradicionais, o canto, podendo incluir dotes e outras práticas culturais com significados simbólicos subjacentes.

No grupo étnico Balanta, especialmente na linhagem *kwntoi*, os casamentos acontecem a partir do consenso entre as famílias, respeitando alguns procedimentos ritualísticos para legitimar o ato de firmar uma união entre duas famílias. No entanto, como apontamos nos parágrafos anteriores, tanto os homens quanto as mulheres Balanta passam por etapas antes de se casarem. Nesse caso, o homem precisa cumprir as seguintes etapas: *bidokn ni nhare; nthok fós; ngwack; nkuuman; n'hae-nnhess; blufu- ndan e fo-alante ndan* com o propósito de cultivarem aprendizados e experiências que servem para a vida toda. As mulheres, igualmente, seguem as etapas das suas vidas na comunidade, como *nbi fula usoñ; thata; sade; anin ndolo; Mbi-fula usoñ; fula ndan*, como forma de aprender o papel da mulher na sua sociedade/comunidade, antes de seguir para fase *iegle* que resulta no *kpal* (casamento).

Cammilleri (2010) explicou que, embora nas culturas africanas existam claras diferenças nos currículos educacionais de meninos e meninas, no grupo Balanta, especialmente da linhagem *kwntoi*, na socialização entre do gênero está ligado à faixa etária. Os momentos de socialização entre ambos os sexos são frequentes e são concretizados sobretudo nos encontros coletivos (*kusundé*) e nas grandes festas periódicas (*kafé*). “É nestas ocasiões que se realizam sessões de canto e dança, isto é, os jovens dos mesmos grupos de idade encontram-se para conversar, brincar e conhecer-se reciprocamente, estabelecendo-se simpatias e amizades que dificilmente não se transformam em relações mais íntimas” (CAMMILLERI, 2010, p.47). A fase conhecida como *iegle* é a etapa em que se considera uma mulher pronta para se casar; ela ocorre no momento em que a mulher está entre os seus 13 a 16 anos. É a fase marcada com o casamento que na língua local Balanta é conhecida como *kpal* (casamento arranjado).

No entanto, deve-se esclarecer que entre os Balanta, o casamento tem algumas variações. Neste caso, existem dois tipos de casamentos, nomeadamente: *Kpal* também

conhecido como casamento por arranjo, no qual os pais ou familiares desempenham um papel central na escolha de um parceiro de casamento, uma vez que negociaram entre si. Eles também procuram criar uma aliança que seja benéfica tanto para o casal quanto para suas famílias. A outra variação, diz respeito ao casamento *g'bassa* ou casamentos por lavagem. Ritual realizado quando um menino engravida uma menina antes do casamento. Neste último caso, quando a gravidez ocorre por via de adultério, existe a ilegalidade que tem que ser corrigida com o ato da purificação. Por isso, é realizado um ritual de limpeza para purificar e preparar o casal para uma nova fase da vida a dois, pois entre os Balanta, se acredita que essa limpeza o deixa limpo e pronto para iniciar a fase da vida adulta.

No primeiro caso, a regra consuetudinária Balanta é semelhante entre todas as linhagens que compõem esse grupo étnico. Convém ressaltar que neste caso não há oferendas obrigatórias. O ritual de formação de união entre duas famílias por meio da cerimônia *kpal* é pautado em uma união de afinidade que se traduz em serviço, cooperação e assistência mútua, conforme Camilleri (2010). Depois que os acompanhantes entregam as oferendas e recebem a aprovação da família do noivo, começam os preparativos para o casamento. Esses presentes seriam uma espécie de dote seguindo as regras expostas no “Ensaio sobre a Dádiva” escrito por Macel Mauss (2003), pois um presente não é apenas uma troca de bens materiais, mas envolve uma complexa teia de obrigações, relações sociais, e simbolismo.

Nas sociedades antigas estudadas por Mauss (2003), ele explica que as dádivas criam laços de solidariedade e estabelecem uma estrutura de reciprocidade que mantém o equilíbrio social. Visto a partir de uma perspectiva *kwntoi*, como Mauss (2003) menciona a civilização escandinava, as trocas e contratos na cerimônia de casamento assumem a forma de presentes (dotes), teoricamente voluntários, na realidade obrigatórios dados e retribuídos. Quase sempre assumem a forma de um presente generosamente oferecido, porque neste caso assenta em valores sociais, afetivos e simbólicos que fortalecem os laços sociais e mantêm a coesão das comunidades/famílias.

Em outro caso, o casamento por *gbassa* (lavagem), as regras mudam. Neste caso particular, o rapaz que engravida a rapariga é obrigado a pagar uma determinada quantia em dinheiro, para além da compra de comidas e bebidas nas quantidades que a família julgar conveniente encomendar. Pela experiência prática, o custo do *gbassa* da linhagem *kwntoi* é maior do que o de outras linhagens, tendo em vista que o pedido de casamento é feito na presença do menino e sua família a partir de uma lista de coisas que devem ser entregues a família da menina. O não cumprimento das condições exigidas resulta na não purificação

(lavagem) de ambos (rapaz e a rapariga). Em muitos casos, na ausência de recursos por parte dos pais, os tios ou tias do lado da mãe se unem para cumprir o acordo como forma de proteger o sobrinho.

No caso, *kpal* (casamento por arranjo), que nos interessa, no processo de conversação entre as duas famílias, o pai e o tio materno da menina dirigem à família do rapaz e fazem um acordo baseado no consenso das duas partes. No Balanta da linhagem *kwntoi*, quando um menino ou sua família se interessa por uma menina de outra família, as figuras poderosas, com autoridade para ir até a família da menina para anunciar sua intenção ou interesse são o pai e os tios maternos do menino.

A pedido da delegação encarregada de entregar o (s) cabrito (s) à família da noiva, num gesto simbólico, acompanhado de vários litros de aguardente de cana-de-açúcar (cachaça) ou vinho de caju e folhas de tabaco. Determinando a data da cerimônia que unirá as duas famílias. Concordando com Camilleri (2010), esses gestos fazem parte das normas consuetudinárias, existentes apenas entre a etnia Balanta via de regra, o casamento de uma jovem, mesmo que seja celebrado segundo o ritual *kpal*, sempre consentido muito tempo antes entre os chefes de família dos futuros noivos.

Em contrapartida, a partir do momento em que o acordo é firmado, inicia-se a troca de interesses adquiridos o que constitui a “troca de interesse adquirido”, sendo uma forma de delegar ao marido a responsabilidade de preparar a futura esposa. O *kpal* é essencialmente constituída por duas partes: a primeira exprime a aliança entre as duas famílias oficialmente representadas: “pela mestra, a família do esposo e pela tia materna (*faa nin*) a família da esposa. Na segunda e composta por símbolos: tais como, os cortes dos cabelos, o ocultar do rosto e o vestido que indica a nova identidade da mulher”. É mister observar que no passado todo o cabelo da noiva era cortado, mas hoje em dia as autoridades que realizam a cerimônia podem decidir por não remover todo o cabelo a pedido da noiva.

Após a concretização de todo o processo, no caso, quando o futuro genro cumprir com todas as condições ritualísticas, realiza-se a seguir, a festa para a recepção da noiva na casa do seu marido. Antes de ser levada para a casa do então noivo, ainda na casa dos pais são abatidos alguns animais num gesto de comemorações da festa do casamento. Na linhagem *kwntoi*, a noiva é levada para a casa do noivo para pernoitar, porém, no dia seguinte tem que voltar para a casa dos pais para continuar com outros rituais. Como a cerimônia de casamento ocorre em diferentes etapas, Semedo (2015) sinaliza que, o noivo segue as instruções, isto é, amarrar uma pele de cabra na cintura, usar um *barkafon* (bolsa), carregar uma lança em uma das mãos e uma

corda com uma cabra na outra, que levará para a casa do sogro para sacrifício. Durante a cerimônia de *kpal* são realizados rituais e danças tradicionais com músicas e tambores típicos da cultura Balanta.

Ao amanhecer, como sinal de bom presságio, as pessoas devem esperar que a cabra mijie antes de sacrificá-la[...]. Terminada a refeição, os noivos, acompanhados da tia da noiva, dirigem-se para a frente da casa [...], após este entretenimento os noivos dirigem-se para a casa dele (do noivo), onde ambos são proibidos de se sentarem em qualquer lugar que não seja no chão ou tapete por quatro dias. Reforçando, Semedo (2015) sinaliza que a tradição também os proíbe de comer alimentos com carne de animais sacrificados em rituais de choro². Já no quinto dia, é realizado um ritual chamado refeição de acompanhamento, e isso completa o processo, sendo os noivos são considerados oficialmente casados, passando a viver como marido e mulher (SEMEDO, 2015).

Em outros casos de casamento *kpal*, tanto as figuras de poder quanto o processo ritual mudam. É o caso do casamento arranjado baseado em casamentos polígamos, em que é aceito na cultura Balanta que um homem pode ter mais de uma esposa. Nesse cenário, a primeira esposa assume uma figura de poder. A ela é dado o poder de buscar uma mulher de sua escolha para se casar com seu marido. Então um homem pode ter quantas esposas a sua riqueza permitir, mas primeiro começa com a aceitação da primeira esposa.

É importante destacar já que em muitas culturas a poligamia é considerada uma prática anômala/inaceitável. Porém, no caso da linhagem *kwntoi*, a primeira esposa não vê a segunda ou terceira como adversárias/concorrentes, mas como parceiras que podem compartilhar e socializar desejos, decisões, momentos, etc. Ela, a primeira esposa, pode procurar uma menina ainda criança para nutrir e ensinar os papéis da mulher no grupo étnico Balanta e depois fazê-la casar com o marido. Como explicação a citação abaixo:

O processo pode começar pela iniciativa da sua própria esposa que ao saber que a fulana deu luz a uma menina, pode levar pedaços de pano (tecido) como presente a recém-nascida e com isso aproveita para dizer aos pais que pretende a menina para o seu marido. A partir desta declaração, de quando em vez, passa para levar algo aos pais, como vinho e tabaco. Às vezes, nem explica ao marido a sua intenção, e este só passa a saber quando a menina atinge a adolescência e ela (esposa) pretende trazê-la para a casa e continuar a educá-

² A palavra “choro” significa cerimônia fúnebre. Entre os membros pertencentes a etnia Balanta *kwntoi*, é comum ouvir falar em “toça choro” no sentido de comunicar um ritual realizado para homenagear e comemorar a vida de uma pessoa que já faleceu.

la até atingir a idade de ser esposada pelo próprio marido [...](SEMEDO, 2015, p.31).

Como se vê, a primeira esposa goza dos privilégios de residência própria e além de ser elevada acima das demais. Em outras palavras, ela tem a responsabilidade e o direito de ser guardiã e protetora dessas mulheres. Em caso de separação do marido, esta primeira mulher pode anular o casamento das outras mulheres que deu ao marido. Na esfera conjugal, aparece a relativa autonomia de decisão da mulher em relação ao marido, todo esse procedimento é baseado nas regras que essa comunidade escolhe, ou na educação que é passada de geração em geração.

Curiosamente, o casamento polígamo não é obrigatório, e muitos casamentos Balanta são monogâmicos. Além disso, é importante acrescentar que a poligamia é praticada em diferentes partes da África, especialmente no caso da Guiné-Bissau entre alguns grupos étnicos, mas é extremamente importante perceber que existem diferenças significativas nas práticas e atitudes em relação a ela. Por além de afirmar que nem todas as culturas africanas ou guineenses praticam a poligamia, mesmo dentro das comunidades que praticam, as opiniões e experiências podem variar.

Em outras palavras, enquanto algumas nações podem considerar a poligamia como parte integrante de sua tradição cultural, aceita por todos; outras podem ter uma visão crítica acerca dela. Contudo, acreditamos, portanto, que é uma atitude equivocada e essencialista do Ocidente, quando julga a poligamia como algo intrinsecamente negativo ou opressor sem levar em conta essas nuances sobretudo às culturais. Esclarecido a nossa percepção sobre este assunto, olhamos para outra questão importante, neste caso a respeito da subjugação e opressão das mulheres.

Nesse sentido, é de extrema importância entender que as práticas estabelecidas socioculturalmente podem ter visões conflitantes, mas são, em sua maioria, baseadas em um consenso criado na cosmovisão da sociedade em que estão inseridas. Simplificando, retratar as mulheres africanas exclusivamente como vítimas passivas de subjugação e opressão; seria por assim dizer, é um estereótipo generalizante e simplista. Embora seja verdade que em algumas áreas do continente as mulheres enfrentam desigualdades de gênero e restrições às suas liberdades, porém isto é observado em inúmeras sociedades, mesmo aquelas que revelam atitudes críticas sobre o assunto – é importante perceber que há diversidade de experiências e lutas enfrentadas pelas mulheres africanas. E no caso específico do grupo étnico Balanta, as mulheres estão ativamente envolvidas em grupos e comunidades que revelam suas posições de poder e seu protagonismo na defesa de seus direitos nas diversas esferas da sociedade.

A escolha para falar sobre o modelo de casamento *kpal* se justifica por considerar que ele preserva a predominância e a legitimidade como um ato culturalmente construído transmitido pelos ancestrais. Creio que, para o grupo étnico Balanta, especialmente linhagem *kwntoi*, seguir as regras estabelecidas pela comunidade é uma forma de honrar a si e às suas famílias, e que a maioria dos membros do grupo étnico Balanta compartilha desse desejo.

É importante destacar que as preferências e escolhas em relação aos modelos de casamento podem variar entre os indivíduos e comunidades. O casamento *gbassa* também pode ser uma opção interessante para alguns, porém, figura como exceção. Cada cultura e grupo étnico tem suas tradições e valores específicos, e é natural que as pessoas deem preferência a determinados modelos de casamento com base em sua identidade cultural e crenças, no caso, Balanta da linhagem *kwntoi* a predominância está no casamento *kpal*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista antropológico, este artigo foi focado no estudo dos processos rituais na cultura do grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi*. O estudo objetivou analisar de que maneira ocorre o ritual de casamento *kpal*, entre o grupo étnico Balanta da linhagem *kwntoi* dentro das tradições, crenças e valores identitárias. Hipotetiza-se que o casamento dos Balanta *kwntoi* emerge das suas crenças como um dos princípios que mantém simbólica e culturalmente a coesão cultural deste grupo étnico e funciona como um elemento simbólico fundamental em muitas sociedades africanas.

Aliás, a partir do campo da antropologia, que ofereceu aprendizado sobre diferentes sociedades culturais ao longo dos séculos, constatou-se que existe uma diversidade considerável nas práticas de casamento em diferentes regiões da África e do mundo. O tema do casamento tem variado nas discussões do campo disciplinar antropológico, que oferece uma ampla cosmovisão em termos de suas formas, rituais, normas e significados em diferentes culturas. Essa diversidade revela especificidades culturais e reflete a complexidade e riqueza das tradições e costumes sociais das comunidades, como pode ser visto neste artigo.

Especificamente nos países africanos, existem diferentes grupos étnicos – fula, manjaco, mancanhe, pepel, dentre outros. Grupos com suas próprias tradições distintas de casamento. A forma como o casamento é realizado tem a ver com sistemas culturalmente estabelecidos baseados em crenças arraigadas, tradições ancestrais e outros fatores. Assim, cerimônias de casamento como as da linhagem *kwntoi* envolvem rituais elaborados, como troca de dotes, cerimônias de iniciação e festas sociais.

Pode-se dizer que à diversidade de casamentos em diferentes regiões ou comunidades ao redor do mundo. O que significa que essa diversidade de casamentos tanto na África quanto em outras partes do mundo revela a riqueza das culturas humanas, suas tradições, crenças e valores que precisam ser respeitados. E o presente artigo vai no sentido de conhecer este grupo étnico (Balanta *kwntoi*) que possui uma cultura rica. Reconhecemos as diferenças dos *kwntoi* em relação a outros grupos étnicos guineenses e notamos a importância de respeitar as diferenças como forma de promover a compreensão intercultural e a valorização da diversidade.

Isso também justificou o interesse em desenvolver este estudo, pois como pesquisadora no campo da antropologia pertencente ao grupo étnico Balanta *kwntoi*, julguei necessário alargar os conhecimentos sobre o casamento, especialmente no tocantes aos detalhes referentes a *kpal*. Ademais, é possível que este artigo possa possibilitar a preservação dos valores rituais, os ensinamentos ancestrais e culturais do grupo étnico Balanta *kwntoi*.

Fica evidente que o processo de união matrimonial entre mulher e homem nesse grupo tem suas especificidades de acordo com o que foi apresentado ao longo da pesquisa bibliográfica. Na análise, o ritual que une a mulher e o homem *kwntoi* assume significados adicionais que vão além do vínculo relacional/matrimonial. Nesse sentido, todo esse processo e os caminhos percorridos pela análise ampliaram nosso conhecimento no sentido de compreender que o casamento *kpal* fortalece os laços culturais e identitários da linhagem *kwntoi*, medeia as relações comunitárias, além de servir como uma forma ritualístico em preservação das suas origens em reconhecimento simbólico aos ensinamentos culturais dos ancestrais. E isto confirma a nossa hipótese de que o casamento *kpal* na linhagem *kwntoi* é considerado um dos princípios que mantém a coesão cultural deste grupo étnico e também percebemos que o diálogo e o respeito pela cosmovisão sociocultural dos diferentes grupos étnicos são essenciais por reconhecer a diversidade de perspectivas e respeitar as decisões individuais e comunitárias, o que contribui para um mundo mais inclusivo e harmonioso.

Em conclusão, gostaríamos de salientar que os resultados do estudo apontam para algumas considerações importantes. A primeira é que o ritual de casamento *kpal* fortalece os laços socioculturais na comunidade *kwntoi*, pois é um momento em que famílias e parentes se reúnem para celebrar a união de dois indivíduos. Por meio desse ritual, os *kwntois* reafirmam seus laços familiares, forjam novas alianças e fortalecem as relações comunitárias. O segundo ponto que devemos considerar é que, o casamento *kpal*, desempenha um papel fundamental na transmissão e preservação da cultura *kwntoi*, uma vez que durante o ritual são realizadas várias práticas tradicionais como danças, música, cerimônias religiosas e troca de presentes. Esses

elementos culturais são transmitidos de geração em geração e garantem a continuidade da identidade cultural do grupo étnico Balanta de linhagem *kwntoi*. O terceiro e último ponto a considerar é que o casamento *kpal* também desempenha um papel na estruturação do grupo étnico Balanta de linhagem *kwntoi*. Por fim, por meio dele, são definidas certas regras e normas culturais relativas ao vínculo matrimonial, determinando quem pode casar com quem e como serão estabelecidas as relações comunitárias.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BENZINHO, Joana; ROSA, Marta. **Guia turística: a descoberta da Guiné-Bissau**. Coimbra: – Gráfica Ediliber, 2015.

CARDOSO, Carlos. Ki-yang-yang: uma nova religião dos Balanta? Bissau: **Revista de Estudos Guineenses**, SORONDA, n. 10, 1990, p. 3-15. Disponível em: <https://shre.ink/lsYW> Acesso em: 20 fev. 2023.

CALLEWAERT, Inger. Fyere Yaabte: um movimento terapêutico na sociedade Balanta. Bissau: **Revista de estudos guineenses**, SORONDA, n. 20, 1995, p. 33-72. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jkpwR> Acesso em: 24 mar. 2023.

CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo Balanta**. Lisboa: Colibri, 2010.

CANDÉ MONTEIRO, Artemisa. Odila. **Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional** – conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994). 2013, p. 28-100. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Departamento de Ciências Sociais. Salvador-BA: Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2013.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1969.

DA MATA, Roberto. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. Rio de Janeiro: **Revista de Antropologia**, v. 6, n. 1, 2000, p. 1-23 Disponível em: <https://encurtador.com.br/bsA19> Acesso em: 20 jul. 2023.

DJALÓ, Tchernó. **O mestiço e o poder: identidades, dominações e resistência na Guiné-Bissau**. – 2 Ed. Nova Veja, 2013.

GEERTZ, Clifford. **As interpretações da cultura**. – Rio de Janeiro: ed. 1, LCT, 2008.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2^a. ed. Trad. Mariano Ferreira. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

HANDEM, Lima Diana. Desenvolvimento na base de participação popular: uma alternativa? Bissau: **Rev. Estudos guineense**, SORONDA, N 12, INEP, 1991, p. 1-31. Disponível em: <https://encurtador.com.br/suAD6> Acesso em: 18 fev. 2023.

IMBALI, Faustino. Um olhar sobre o sistema alimentar Balanta: o caso das tabancas de Mato Farroba e Cantone. Bissau: **Rev. Estudos guineense**, SORONDA, n. 14, v.1 1992, p.3-27. Disponível em: <https://encurtador.com.br/nqyTX> Acesso em: 8 abril 2023.

IONGNA, Armando Na. **O casamento na etnia Balanta: tradição e modernidade**. 2019, p. 1-28. Monografia (Bacharel em Humanidades) – São Francisco de Conde: Instituto Hmanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, UNILAB, 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/irw89> Acesso em: 12 fev. 2023.

JOHNSON, G. Allan. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. Tradução: RUY JUNGMANN. Consultoria: RENATO LESSA, 1997, p. 20-60. Disponível em: <https://encurtador.com.br/rwEW1> Acesso em: 18 maio 2023.

LANDERSET, Simões. **Babel negra: etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné**. Porto: o comércio do porto, 1935.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia: ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Trad. Paulo Neves, Cosac Nalfy, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A vida sexual dos selvagens da melanésia**: Descrição etnográfico do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobiand (Nova Guiné Britânica). Rio de Janeiro: Trad. Carlos Sussekind, 1982.

NANQUE, Lima Honório. Comparação entre a cultura do grupo étnico papel e a cultura do grupo étnico Balanta da guiné-bissau. Parana: **Rev. Faz Ciência**, unioeste, vol. 24, n. 39, 2022, p. 137-155. Disponível em: <https://shre.ink/lsT4> Acesso em: 13 fev. 2023.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. – Ciências sociais. – Passo-a-Passo. Ed. Jorge Zahar. Simplíssimo Livros, 2003.

PRITCHARD, E.E. EVANS. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1976.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF_FERNART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Trad. de Elcio Fernandes, Edit. da UNESP, 1998.

RODOLPHO, Luísa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia. **Estudos Teológicos**, v. 44, n.2, p138-146, 2004. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oyQU6> Acesso em: 14 maio 2023.

SEMEDO, R. J. **As técnicas e saberes locais da tradição Balanta**. Bissau: Ed. TINIGUENA, 2015.

STRAUSS, Lévi. **As estruturas elementares de parentesco**. Trad. Mariano Pereira. Petrópolis: VOZES, 1982.